

PARA SOBREVIVER É PRECISO COMEÇAR A VIVER

Basta olhar os jornais para constatar que os governos que tentam controlar a humanidade estão em decadência. Os escândalos de corrupção no Brasil seguem os mesmos princípios do 1º Mundo, que domina economicamente o resto do planeta. A ética do sistema capitalista é a economia de mercado: para acumular riquezas, tudo é permitido, roubar, explorar e até destruir o meio ambiente.

A morte do socialismo autoritário tornou o capitalismo hegemônico no mundo. O sistema que coloca o lucro e o poder como valores máximos do homem está instalado em todas as instituições, nos partidos e nos sindicatos, nas famílias e nas escolas. É impossível ter esperança de liberdade e justiça social se insistirmos em combater o capitalismo dentro destas instituições tradicionais, que estão a seu serviço, legitimando-o e perpetuando-o.

A única forma efetiva de luta contra o capitalismo hoje é a ecologia. Não a da ECO 92, uma farsa montada pelos governos capitalistas para anular a força do movimento ecológico. Mas sim a ecologia proposta por alguns cientistas contemporâneos, que a colocam em três níveis: ambiental, social e subjetivo. A ecologia ambiental não existe sem a ecologia social. O homem só vai respeitar o meio ambiente se aprender a respeitar o próprio homem. Fica claro então, que é necessário criar uma nova ética, que substitua a capitalista, do lucro e do poder.

Esta nova ética propõe uma revolução nas relações sociais, buscando a transformação do cotidiano das pessoas e a mudança dos valores do homem moderno. Isto é a ecologia subjetiva, a que se preocupa com a originalidade e a autonomia de cada indivíduo, não admitindo nenhuma forma de autoritarismo e colocando a solidariedade no lugar da exploração do homem pelo homem. A ecologia subjetiva é a substituição da ética capitalista pela ética anarquista. Lutar pelo anarquismo, portanto, deixou de ser utopia ideológica para ser necessidade biológica. Viver o anarquismo no cotidiano é a única arma capaz de acabar com o poder depredador do capitalismo e garantir a preservação da espécie.

Nós, do Coletivo Anarquista Brancaleone, oferecemos a SCMA, uma terapia anarquista, como instrumento à disposição da ecologia. A SCMA trabalha com técnicas terapêuticas que ajudam na eliminação dos valores burgueses adquiridos durante nossa formação. É assim que se resgata a originalidade única e a auto-regulação espontânea, levando a uma convivência ecológica sem a presença da hierarquia e do autoritarismo, característicos do capitalismo e da destruição. Ou seja, para sobreviver é preciso começar a viver.

COLETIVO ANARQUISTA BRANCALEONE

São Paulo, agosto de 92

Anamaria Ribeiro
Denise Wal
Inês Stoffel
Edvaldo Kondo
Ivone Menegotti
João da Mata
Jorge Góia
Luís Geraldo da Silva
Mônica Lima
Ricardo Miranda
Roberto Freire
Rui Taleguma

A palavra somaterapia surgiu em 1973, criada por Roberto Freire. Discipulo de Wilhelm Reich, já passara a terapeutizar o corpo (soma, em grego), considerando a mente como apenas parte desse corpo e, inclusive, não a mais importante.

Antes disso, ele praticava uma psicoterapia de origem analítica, que aos poucos foi submetendo a constantes revisões e atualizações críticas (científicas e políticas), seguindo os passos, por exemplo de Ronald Laing, David Cooper e Franco Basaglia na Psiquiatria, acabando por transformá-la numa antipsicoterapia, da mesma forma como eles e vários outros pesquisadores criaram a antipsiquiatria.

Atualmente a Somaterapia tem problemas com o próprio nome. Terapia em grego, pode designar o desenvolvimento das pessoas, mas a Medicina a tem usado como ato de curar. Por isso, Somaterapia para corresponder à sua realidade prática e cotidiana, deveria ser conhecida como Somapedagogia. E isto a designaria melhor: ensinar as pessoas a conhecer o seu soma e passar a viver segundo as reais e próprias características somáticas, únicas e exclusivas.

Soma significa a totalidade viva da pessoa, num todo abrangente da energia vital materializada em algo pulsante, dinâmico, metabólico e finito. Assim, decidiu-se evitar o sufixo terapia e passou-se a designar esse trabalho apenas por Soma.

É importante lembrar que a Soma não está interessada em aspectos isolados, parciais, da vida das pessoas, como psiquismo e sexo, por exemplo. Seu princípio básico é o da totalidade da pessoa, afirmando que a unidade do ser humano é o ser humano mesmo e por inteiro. Assim, seu conceito de pessoa deriva da percepção e conscientização da unicida-

de funcional e dinâmica do ser.

Por Soma de uma pessoa não se entende apenas aquilo que reside no interior de sua pele. Além disso será seu Soma o que ela produz, desde o esperma e o amor, os pensamentos e os sonhos, todas as suas extensões corporais carregadas de afeto e de prazer, sua casa e suas roupas, seus filhos e amantes, a saudade, a ideologia, as fantasias e os projetos.

Soma, pois, é a luta e o trabalho para liberar nosso soma do que impede sua auto-regulação, seu crescimento e desenvolvimento espontâneo e naturais. Soma é também a compreensão e a prática de viver sob o comando da bioenergia, que alimenta e realiza a experiência somática do ser. Soma se pratica por meio de técnicas e procedimentos que libertem e façam fluir harmonicamente a bioenergia em todo o ser somático, de modo que ele possa satisfazer suas necessidades vitais, pessoais, sociais e ambientais. Soma consiste na expressão prática da Somatologia, o conhecimento científico e filosófico da unicidade do ser, indivisível em "mental" e "corporal", "espiritual" e "material", por exemplo.

A Somatologia considera o soma uma coisa única em todos os seres vivos, uma entidade somática em todos os homens, porém defende a originalidade de cada ser, como experiência evolutiva genética das espécies em sua relação com o meio ambiente. A Somatologia não reconhece a existência do "bem" e do "mal", porém localiza uma forma de moral natural e biológica, de necessário e desnecessário à vida pessoal e social do ser. E essa necessidade, que tem por base a realização do prazer somático, para que a pessoa atinja a sua plenitude vital, está sujeita a leis próprias e às leis da também necessária socialização da espécie.

A espécie humana só sobrevive na medida em que a realização do indivíduo não limite e nem seja limitada pela realização de sua sociedade. Esta dicotomia entre "pessoal" e "social" não tem nenhum sentido para a Somatologia, pois a sobrevivência do soma humano não está

regida por conceitos mornis de natureza cultural, porém por imposições biológicas e sociais de natureza ecológica e etológica.

Nada do que foi dito até agora quer significar que a Somatologia não abranja também os fenômenos culturais, sociais e políticos através dos quais o soma humano vem tentando resolver suas dificuldades de realização e de sobrevivência como um todo na espécie humana. O somatologista e o somaterapeuta são pessoas conscientizadas de que definição e opção ideológica, engajamento e atividade política, fazem parte do metabolismo bioenergético do soma humano, como alimentar-se, manter temperatura e nível hídrico regulares, amar e reproduzir.

As soluções corretas e satisfatórias de natureza política para a totalidade da espécie humana fazem parte, para o somatologista, não de produtos apenas da mente humana, mas sobretudo de toda natureza somática se expressando através de fenômenos que podem melhor ser percebidos pela Ecologia que pela Ética, pela Etologia que pela Psicologia. Enfim, Política, para o somatologista é a manifestação bioenergética de interação e integração dos somas no Soma, para a sua melhor e mais longa sobrevivência na espécie humana.

O Soma, em última análise, representa a forma pela qual a vida se manifesta na realidade humana cotidiana. Uma terapia somática, portanto, para trabalhar de modo libertário e científico com as pessoas, deve afirmar sua vocação e objetivos anarquistas, buscando a originalidade única das pessoas, a unidade social na diversidade pessoal, na autorregulação biológica do organismo e a autodeterminação social do indivíduo. Tais objetivos libertários coincidem exatamente com os da ecologia social, visando a preservação da vida na Terra.

Compreendendo a neurose como produto social, a Soma não pode ser realizada em sessões individuais, porém só em grupos. E, por que tememos e combatemos todas as formas de dependência, procuramos rea

lizá-la em, no máximo, um ano.

Como trabalhos o soma das pessoas através de exercícios corporais (não verbais) as sessões duram cerca de três horas (em quatro sessões mensais), de modo que na metade desse tempo fazemos os exercícios e, na outra metade, praticamos a leitura oral e conscientização verbal do que foi vivido durante o exercício. Esses, longamente testados (20 anos), têm o poder de levar as pessoas a darem "bandeira" de seus bloqueios vitais, através da couraça neuro-muscular (onde a neurose se instala), por meio de dificuldades no movimento, no equilíbrio e nas expressões corporais, gestuais e faciais.

A Soma se utiliza da metodologia da Gestalterapia para sua prática, e atua, em profundidade, através das mais recentes descobertas da Antipsiquiatria que localiza nos mecanismos da comunicação humana o processo de fabricação (na relação familiar) dos sintomas neuróticos.

A Capoeira está ligada indissolavelmente à Soma, tanto por seu efeito terapêutico (bioenergético) quanto pelo que desenvolve nas pessoas a capacidade de luta e de enfrentamento social e pessoal.

No atual momento, a Soma está funcionando nos seguintes estados (São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais, Pernambuco, Sergipe e Bahia), mas podendo vir a funcionar em todos os outros, dependendo de contato dos interessados (São Paulo - pelo telefone (011) 92-2392 com Edvaldo).

A Soma conta hoje com os seguintes terapeutas formados e em formação: Anamária Ribeiro, Denise Wal, Inês Stoffel, Ivone Menegotti, João da Mata, Jorge Goia, Luís Geraldo, Mônica Lima, Ricardo Miranda, Rui Takeguma e Roberto Freire.